

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.040

Quinta-feira, 13 de Abril de 1922

PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Comércio, 38-A, 2.º e Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talha — Lisboa e Telefone 5339-0

Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Socorrer os famintos russos é um dever de humanidade.

COMÉDIA BURGUESA

A REPRESSÃO À MENDICIDADE

De quando em vez do governo civil chega a informação de que a polícia vai reprimir a mendicância. Os jornais burgueses, pegam na informação, aproveitam-na para assento que muitas vezes dá para duas colunas compactas. Essa prosa burguesa analisa e discute a mendicância, e dessa análise, dessa discussão, conclui sempre de acordo como o governo. Sim — afirmam os jornais burgueses — a mendicância deve ser reprimida.

Contudo, todos os jornais, seguindo as pisadas de todas as autoridades, falam contra a mendicância, pedem a sua repressão.

Será a mendicância um crime? Assim parece, visto que se pretende remeter para a prisão o mendigo e faz-lo conversar com alguns artigos do código. Esmolar aos que passam, o sustento e a habitação, esmolar o direito à vida, será um gesto idêntico ao homicídio, ao fraticídio, ao furto, a uma cartela, ao atentado à propriedade particular, à propriedade privada? Se assim é a mendicância é um crime e o mendigo um criminoso.

Mas isso não o dizem claramente os jornais, não o declaram terminantemente as autoridades.

Ser o mendigo um criminoso ainda não está definitivamente afirmado. Será a mendicância uma tara ou uma instituição? Eis o que os nossos adversários se abstêm de dizer. Ora a mendicância em vez de diminuir alastra, o número de mendigos aumenta e a coragem para se colocar o problema a ponto de o discutir sem sofismas e de o definir sem hesitações, continua ausente.

Apesar disso não sobeja audácia para a sua pretensa repressão, não falta cinismo para criar instituições destinadas a resolvê-lo.

A mendicância não é um assunto banal, de fácil simplificação, que ao correr da pena possa ser apresentado e discutido em conjunto. Para que algo se diga e de que se diga algo de proveitoso se extrai, tem de se limitar a análise a um dos múltiplos aspectos por que a mendicância se apresenta. Evidentemente que não vamos agora discutir a mendicância, que é uma veneranda instituição nacional, desde quando se aplicavam as mezinhas da distribuição do caldo conventual até à distribuição moderna e prodígia de empregos públicos ali no Terreiro do Paço. Não vamos pedir uma sopa para os pobres do espírito e contemplar com ela o sr. António Maria da Silva. A sopa para os pobres do espírito já existe: distribui-se a literatos, artistas, políticos, militares, padres e financeiros na prosa artificial, ci-

nica, mercenária dos jornais burgueses. Limitemo-nos à mendicância que a polícia manda reprimir. Essa mendicância transita pelas ruas, estendendo a mão a quem passa numa súplica insistente e implorativa dum cédula. Porque reprime a polícia essa mendicância? Reprime-a porque ela infesta as ruas, faz desaparecer a alegria das fisionomias, e constitui uma chaga sífilítica da actual civilização. Verifica-se nesta razão eminentemente policial e burguesa que a civilização e a mendicância são antipodas. A razão porque são incompatíveis? perguntar-se há. Porque — no sentido do pensamento burguês — uma civilização com mendigos é mais vergonhosa que uma cabeça com piolhos. O piolho desleixado, em vez de atacar o mal, suprimindo os parasitas que o incommodam e envergonham, procura ocultá-los. A sociedade, em vez de procurar extinguir a mendicância, procura escondê-la. A isso chama repressão.

No fundo tam estúpida e tam velhaca a sociedade como o proprietário de parasitas.

É este em síntese o pensamento burguês determinante da medida policial conhecida por repressão à mendicância.

Mas o pensamento velhaco da burguesia resulta estúpido porque as consequências da medida são, inevitavelmente, contraproducentes.

A prova é de fácil demonstração: a polícia percorre as ruas, quando a maioria dos mendigos, sabedora da medida repressiva, se escapula prudentemente. Então nas malhas da rede policial é colhida uma insignificante minoria de mendigos desprevendidos.

Seguem os mendigos para os calabouços do governo civil. O interrogatório é rápido, porque o mendigo não constitui rendimento para gratificações aos habéis e patrióticos agentes. Depois a polícia desembaraça-se deles enojada: uns vão novamente para a rua, prometendo em que não voltam a esmolar, promessa que a polícia não acredita, e outros seguem para o Limoeiro. No tribunal perguntam-lhe se ele não tem vergonha; o pobre alega que não pode trabalhar. O juiz absolve-o, citando-lhe a pátria, pregando-lhe moral baratinha, mandando-o entregar-se ao trabalho apesar do seu apoio inválido. Nesta altura a repressão já passou, porque — repetimo-lo, isso não interessa à polícia — os mendigos surgem com os seus nãos de dor, o seu gesto implorativo de dinheiro pelo pão, e tudo volta ao que estava.

Nisto se resume a chamada repressão à mendicância, sobre cuja ineficácia insistir desnecessário se torna.

PELOS FAMINTOS RUSSOS

O martírio das crianças

Quando em Agosto de 1921, Máximo Gorki lançou ao mundo o seu angustioso apelo a favor dos russos, que uma calamidade natural condenava a morrer de fome, apelo que apareceu em *L'Humanité*, de Paris, e que quasi toda a imprensa operária e revolucionária reproduziu, os conservadores estúpidos e maus esfregaram as mãos, satisfeitos por na sua cegueira julgar que a derrocada bolchevista não demoraria muito tempo. O apelo feito pelo próprio governo russo ainda mais o convenceu, e no perverso intento de agravar mais a situação da república soviética iniciaram a sua obra de intriga e mentira, procurando evitar que a solidariedade mundial se manifestasse em auxílio dos famintos.

E, sem dúvida, com calúnias como

Para avaliar-se o sofrimento atroz das crianças, vamos transcrever um capítulo dum livro publicado em Paris, prefaciado pelo grande escritor Henri Barbusse, a qual é vendida a favor dos famintos.

O martírio das crianças

«É impossível repetir as descrições feitas pelas testemunhas da situação lamentável das crianças russas.

Cinco milhões de pequenos seres desaparecem lentamente, inocentemente nas garras dum morte horrível; nas ruas das cidades despojavadas, pelos caminhos, nas florestas, centenas de milhares de miseráveis garotos e garotas abandonados, mal vestidos, descalços, marcham à procura de restos de ortigas, pedaços de cortiça e de hastes

entre vós que tem filhos ou que os tem perdido, todos aqueles de entre vós que tem filhos e tem receio de os perder, como recordação das crianças que morreram, em nome daquelas que vivem ainda, nós vos suplicamos vir em nosso auxílio! Não penseis em nós, se não se pode ajudar-nos. Perdemos toda a esperança. Mas seremos felizes da única felicidade que podem conhecer as mães, se soubermos que nossos filhos são salvos».

Em regiões inteiras (as dos Tchovach e dos Kirgizes) as mães afogam os seus filhos para abreviar-lhes a agonia.

A carne esgotada dos que subsistem está corroida pela doença; os alimentos imundos tem dilatado os ventres; a inanição tem lentamente reabsorvido os



O número de agonisantes aumenta de momento para momento. Uma pequena indecisão no socorro arremessará para a valem com dezenas, talvez centenas, de crianças e adultos; é urgente que os socorramos

aquela que tanto se explorou, de que o governo russo desviava o produto da solidariedade para alimentar e equipar o exército vermelho, chegando-se mesmo a afirmar que a questão da fome era um *truc* político dos bolchevistas, conseguiram os reacionários, se não evitar, pelo menos demorar a acção do socorro que tam instantaneamente se pedia.

Naturalmente, o resultado não se fez esperar. A situação agravou-se, os famintos contaram-se por milhares e começaram a morrer às centenas, aos milhares.

Foi necessário travar uma luta enarnizada contra a infamia do capitalismo, para que o auxílio dos outros povos, persistindo na sua obra humanitária, conseguisse salvar uma parte das vítimas do flagelo.

Se não se tivesse feito uma especulação tam repugnante, o número de crianças salvas seria muito maior, o sofrimento das crianças e dos adultos seria muito mais atenuado e o esforço realizado por todos que tem procurado minorar a situação dos famintos, encontraria um maior eco entre aqueles de quem se reclamava o auxílio.

Mas, a torpidez da burguesia e dos seus interessados defensores não quis assim, e o viver dos famintos russos tornou-se verdadeiramente inquitatorial.

de ervas, escondendo-se da vista dos adultos como animais selvagens. Os asilos, onde a mortalidade é inverosímil, estão por tal forma cheios que as crianças tem de revezar-se para dormir, sendo-se obrigado a acordá-las depois de três ou quatro horas de sono, a fim de cederm o seu lugar a outras. Não há sabão para lavar os corpos devorados pelos piolhos, nem existe roupa branca. Havendo um único médico para uma região de 70 quilómetros de raio...

As crianças que saem dos asilos para outros lugares não podem ir calçadas senão até à estação do caminho de ferro; lá tiram-se-lhes os sapatos para servirem a outras crianças.

Para compreender bem o horror da situação é preciso recordar-se o apelo desesperado das mães russas, apelo angustioso aos povos do mundo inteiro: «Buzuluk, 5 de Dezembro de 1921.

Nós, mães russas, que estamos destinadas a morrer de fome ou de doente deste inverno, imploramos que os povos do mundo inteiro que temem conta dos nossos filhos, a fim de que esses inocentes não partilhem da nossa horrível sorte.

Não imploramos ao mundo para fazer isto porque, mesmo à custa dum separação voluntária e eterna, nós não temos senão uma ideia: reparar o mal que fizemos dando-lhe uma vida que é pior que a morte. Todos aqueles de

músculos, encarquilhados a pele rezeada dos ossos, faz as caveiras dos rostos emagrecidos fazer caretas. Eis a criança russa, eis a criança, como diz Vitor Serge, tal qual se nos mostra no fimiar do ano 1922, neste século de civilização, de ideias generosas e de técnica superior. Eis a criança do povo russo que fez, abrindo as vias à humanidade inteira, a primeira revolução social. Eis a criança da raça que deu ao mundo Dostoiévski, Tourgueniev, Tolstoi, Gorki. Lede os telegramas de Nansen, consultai os documentos fotográficos dos Quakers. Eis a criança russa».

Eis o futuro que agoniza e que perece, se deixarmos consumir-se a obra tirânica do capitalismo.

Uma generosa oferta

O proprietário dum das mais acreditadas alfaiatarias de Lisboa, sentindo o sofrimento dos famintos russos e caboverdeando, teve a amabilidade de enviar-nos dois belos cortes de fazenda, para serem vendidos a favor das vítimas da fome na Rússia e Cabo Verde, recomendando-nos que os ocultássemos o seu nome, não fosse a maldade dos que tem corações só para odiar, ver no seu gesto um reclame à sua casa.

Inefelmente é assim, e esses mesmo eram até competentes para lhe moverem uma campanha de descrédito.

ção de emocionar, os seus trabalhos não vibram, não vivem — reduzem-se à sua verdadeira condição de lindas ficções, interessantes arranjos de cor, de belas fúteis como bibelots

Toda a arte que se exerce fora do campo da emoção, é uma arte pequena, com um campo de acção muito restrito — é arte, talvez, apenas por ter beleza. Nos melhores quadros de António Soares não se adivinha uma ambição, não se nota o desejo febril de atingir a perfeição, predicações que caracterizam os grandes temperamentos artísticos. Percebe-se apenas o autor delineando caprichosamente, sem pressas nem exigências, as figurinhas de mulher estilizadas, *mignonas*.

Tomemos por exemplo o n.º 34, uma mulher do povo com um cabaz no braço. A maneira como este trabalho é feito revela excepcionais aptidões do artista, mas mostra-nos ao mesmo tempo que ele não se esforça por ir mais além da arte que a sua mão produz com facilidade. Outro tanto poderemos dizer dum série de figurinhas de mulher esbeltas, leves, graciosas, de factura muito simples, que constituem uma interessante colecção. Presentemente não havendo da parte do artista (assim o julgamos) a intenção de emocionar, os seus trabalhos não vibram, não vivem — reduzem-se à sua verdadeira condição de lindas ficções, interessantes arranjos de cor, de belas fúteis como bibelots

A arte e os artistas

A exposição de António Soares no Salão da "Ilustração Portuguesa"

Há dias que está aberta ao público, no salão da *Ilustração Portuguesa*, a exposição de pintura e desenho de António Soares.

O artista é um novo mais ou menos conhecido no nosso círculo artístico. Expõe cerca de sessenta trabalhos, talvez todos os trabalhos que possui, mesmo aqueles que andavam aos pontapés lá pelos cantos do atelier.

Expor muito, mostrar tudo sem critério de selecção, que seria ao mesmo tempo, uma forma de ser delicado para com o público, é em regra um prejuízo grande para o pintor. António Soares, modernista de aptidões nem sempre bem aproveitadas, prejudicou-se enormemente, trazendo para o salão da *Ilustração Portuguesa*, todos os bonequinhos insignificantes que estão asfixiando, como ervas daninhas em torno de uma planta delicada, a boa arte que, a espaços, se contempla com prazer.

António Soares expõe trabalhos para todos os paladares.

Vimos lá desenhos ócos, banais, envergonhados talvez de aparecer em público tam pobres de espírito e despidos de interesse. Mas como não são esses que realmente nos interessam, ocupemo-nos antes dos que encerram alguma beleza, dos que atraem a atenção pela sua factura ou pela sua bizarria.

Basilarmente, António Soares é um artista delicado, propenso a levesas do cor, de assunto e de traço. E talvez por a sua maneira de ser possuir essa característica de beleza, não se encontra na exposição, o voo audaz de uma ideia, a afirmação grandiosa dum princípio, a expressão forte dum sentimento qualquer — de dor, de melancolia, de tristeza ou de ironia. Vem-se figurinhas graciosas, delineadas apenas com um intuito decorativo. A arte de António Soares é só para os olhos; o coração e a inteligência são-lhe alheios.

Não havendo da parte do artista (assim o julgamos) a intenção de emocionar, os seus trabalhos não vibram, não vivem — reduzem-se à sua verdadeira condição de lindas ficções, interessantes arranjos de cor, de belas fúteis como bibelots

A educação popular

3.º Congresso Operário Nacional

I I

A Educação popular sob o aspecto extra e post-escolar é moderna. Nasceu do facto de se reconhecer a deficiência da Educação escolar, ou, até mesmo, da sua simples instrução.

Corresponde a um estágio social em que os indivíduos sentem uma necessidade intelectual viva, uma ansia de aperfeiçoamento, seu alheio, e em que os que sabem e os que não sabem pretendem universalizar a ciência e a valorização das energias individuais: uns tentam divulgá-la por toda a gente, espalhando-a às mãos cheias, estendendo-a a todas as mentalidades, transmitindo-a a todas as assentimentalidades; outros tentam sofregamente absorvê-la, gozar de todos os seus ensinamentos, compreendendo que nunca se sabe de mais e que os poucos conhecimentos que têm os inferiorizam socialmente, ou que a posse da Verdade é um dos mais intensos prazeres da vida e um meio de se valorizarem. Corresponde a um estágio de consciência social em que o mínimo do saber que se exige de cada indivíduo já se elevou acima do que a Escola elementar tem dado ou pode dar. O saber não pode cristalizar-se no que aprendemos na escola.

O grau de civilização a que chegámos impõe a todo o indivíduo um vasto conjunto de conhecimentos, um contínuo e consciente *processus* de aperfeiçoamento, e um paralelo caminhar a par das descobertas técnicas e doutrinárias das ciências. E tal necessidade não se compadece com os limitados e modestos âmbitos da Escola elementar, não só pela essência da sua própria natureza, mas também pelos vícios que a organização social presente inoculou na sua orientação e métodos, desviando-a da missão natural que a ideologia pedagógica-social lhe marca.

De facto, por natureza e por definição a Escola elementar, — como, aliás, afinal, todas as escolas, — não pode ter a valiosa pretensão de dar um saber durante o curto tempo da escolaridade, — algumas horas, em média, de uns intermitentes meses duns três ou quatro anos lectivos; e muito menos ainda se atentar na idade das crianças que a frequentam, e cujo grau de desenvolvimento fisiológico e mental não lhes permite a compreensão do mínimo do cabedal científico que todo o ser humano deve hoje possuir.

Não são os escassos conhecimentos adquiridos imperfeitamente nas escolas, durante o curto período da infância, da adolescência e da mocidade, não são os ensinamentos que a escola nos dá, que podem formar esse saber indispensável à criação e aproveitamento das energias próprias de cada indivíduo, e da sua transformação em valores sociais. Aquele que cingir toda a sua ciência (?) aos simples e incompletos conhecimentos que a escola lhe deu ou dá, nunca deixará de ser um ignorante e esse pouco saber depressa se conquistará e envelhecerá, à míngua dum estudo sempre actualizado, que acompanhe, durante toda a vida, paralelamente os progressos e aperfeiçoamentos da Ciência. Num livro que temos presente, sobre «Pedagogia experimental», afirmase: «quem não avança, recua; quem não se aperfeiçoa, apaga-se dia a dia; quem se fia no seu saber antigo torna-se pouco a pouco ignorante».

O professor engana-se redondamente

se julga, por ignorância ou vaidade, que uma criança de 13 anos, e até de 15 e 16 anos, sabe alguma coisa. Pobre professor que tal pensa: terribles desilusões lhe esperam! Tirem a criança de conceitos convencionais, psitacis das perguntas e respostas, *co no vem no livro* e ela ficará sinceramente perplexa diante da interpretação ou «aplicação dum mais simples fenómeno. A criança faz apenas enumerações de coisas, *narram-nas*, descrevem-nas quanto muito, mas raramente as interpretam e as explicam — caracteres estes que constituem um verdadeiro saber, e muito menos possuem os instrumentos, os processos e as técnicas que a tal conduzem.

Uma escola não pode ter a pretensão de dar um saber completo, porquanto o saber, seja sobre que ramo for da Ciência ou da Técnica, jamais é completo, tem os inferiorismos socialmente, ou que a posse da Verdade é um dos mais intensos prazeres da vida e um meio de se valorizarem. Corresponde a um estágio de consciência social em que o mínimo do saber que se exige de cada indivíduo já se elevou acima do que a Escola elementar tem dado ou pode dar. O saber não pode cristalizar-se no que aprendemos na escola.

O grau de civilização a que chegámos impõe a todo o indivíduo um vasto conjunto de conhecimentos, um contínuo e consciente *processus* de aperfeiçoamento, e um paralelo caminhar a par das descobertas técnicas e doutrinárias das ciências. E tal necessidade não se compadece com os limitados e modestos âmbitos da Escola elementar, não só pela essência da sua própria natureza, mas também pelos vícios que a organização social presente inoculou na sua orientação e métodos, desviando-a da missão natural que a ideologia pedagógica-social lhe marca.

Não é, pois, um saber, impossível de se dar honestamente sem cair no tram-polino da praça pública; é o ensino do uso e da aplicação destes processos do método activo, criar a necessária técnica dum auto-educador e dum ideólogo estimuladora do aperfeiçoamento próprio e alheio, — e teima e retema valiosa e vamente em querer, à viva força e contra a natureza da criança, meter-lhe na cabeça um saber impossível, ela torna-se uma pura mistificação verbalista e falha de finalidade pedagógica.

E, portanto, necessária uma instituição extra e post-escolar, que, por um lado, venha, transitoriamente, suprir esta lacuna e venha essa obra indispensável da Educação, e que, por outro lado, venha, ao mesmo tempo, apanhar, actualizar e universalizar o saber daqueles indivíduos que as condições económicas privaram ou afastaram da Escola e os atiraram para as oficinas ou campos e os impediram de estudar e de se aperfeiçoar, ou que as qualidades intelectuais e as aptidões, por falta da devida educação ou por qualquer outra deficiência, se tornaram incapazes dum auto-educador.

Quais são estas instituições? O próximo artigo o dirá.

XYZ

Notas e Comentários

A viagem aérea

Parte hoje, de Cabo Verde para a ilha Fernando Noronha, o avião *Luzitânia* que metódicamente vem realizando a maravilhosa viagem Lisboa-Rio de Janeiro. É a etapa de hoje a mais difícil de realizar. É de prever que Sacadura Cabral e Gago Coutinho vençam mais esta dificuldade.

O dia de amanhã

Amanhã, sexta-feira de Paixão, dia refeitamente católico, saem para a rua todos os comediantes que pretendem dar-se ares de gravidade e ordem. O luto pela morte de Cristo há de patentesar-se solene por esses templos, onde a multidão ignorante se comprimirá, pondo em grave risco a tranqüilidade dos calos. E os senhores da Igreja hão de afirmar mais uma vez que a religião está triunfante.

Ficem-se nas aparências.

Reclamo gratis

Há em Lisboa um jornal da noite que mostra cotidianamente um particular interesse pela *Batalha*. Todos os dias esta o título do nosso jornal, fazendo-lhe um reclamo que nos deixa extremamente penhorados.

Que continue na sua nobre missão...

Educação Popular

Recebemos esta revista, órgão da Universidade Popular Portuguesa, interessante e utilíssima publicação que se ocupa dos mais transcendentes problemas de educação e que todos deverão ler e conhecer.

O sumário é o seguinte: «A orienta-

ção profissional», por *Faria de Vasconcelos*; «Notas e comentários», «Educação Social», Nostradamus; «A Universidade Popular», Adán Mickiewicz; «Cinematógrafo educativo», Para os pais meditação; «Educação moral das crianças», «Fábrica das crianças»; «A árvore e o ninho» (poesia), por *Bernardo Passos*; «Leituras recomendadas»; «Cooperativismo»; «Consultório pedagógico»; «O cotovelo roto», por *D. Ischokkie*; «Vida da Universidade»; Correspondência, Pensamentos, Caricaturas, etc.

Nas barbas da polícia A repressão do jogo fez com que os jogadores procurassem lugares recolhidos para jogar. A's escondidas, instalaram roletas em vários pontos da cidade. E para se encontrarem mais à vontade, perfeitamente desancados e livres da vigilância policial, jogadores houve que foram instalar confiantemente a sua roleta no prédio onde habita o director da polícia de investigação.

Vida natural. Já recebemos o segundo número desta interessante revista naturalista, cuja leitura é útil e agradável.

U. S. O.

Conselho de Delegados Para se discutir e resolver assuntos pendentes, reúne amanhã, pelas 21 horas, o Conselho de Delegados a este organismo.

A BATALHA no Porto

CRÓNICA

A Batalha nas fábricas têxteis — Um comício feito por «Um operário» — Quem é ele e por dentro e por fora

Na ordem do dia continua, entre as classes têxteis, a apreciação dos nossos informes dados sobre o que se passa na célebre fábrica do sr. Manuel Pinto de Azevedo.

É bom sintoma este, porque se vê que o operariado da indústria têxtil se vai interessando pelas questões que lhe dizem respeito.

A classe têxtil, que tem abusivamente sido explorada e humilhada, vinha-se conservando num silêncio e num indiferentismo lamentáveis, que os patrões, excelentemente aproveitaram para a sua ganância e especulação se tornarem mais ferozes ainda. No entanto, temos a esperança de que os operários das fábricas têxteis não de despartem do seu quietismo acobardado, impondo os seus direitos menosprezados e marcando um lugar de destaque no seio da organização trabalhadora.

Havemos, num outro dia, referirmos-nos mais largamente à exploração ignóbil de que é vítima a classe têxtil, denunciando quais são os seus chorados ordenados que lhe permitem morrer de fome.

Por agora apenas vamos, mais uma vez, tocar na carta que «Um operário» publicou na imprensa desta cidade. A nossa política já descobriu tudo, porque nós também possuímos uma política avançada. «Um operário» tem o nome Frederico Pinto dos Santos, serralheiro demittido das oficinas do Minho e Douro, por se apanhado em flagrante delito em cima de um vagão a tirar vinhos.

Além do nome, tem também o «sobrinho» de «Fava», destacando-se no Minho e Douro para sua propaganda deficiente contra a organização ferroviária em especial e operária em geral. Defendia a opinião de que mais valia gastar o dinheiro em vinho do que dá-lo para o sindicato. O «conhecido» Fava hoje é serralheiro-chefe do sr. Manuel Pinto de Azevedo, que recebeu há pouco uma gratificação de 100.000.

O mestre Fava, que falou em antiguidade do pessoal superior, apenas há 10 meses é que é empregado na fábrica.

Fava, querendo ser agradável ao seu dono, subiu para um tear e fez um discurso às massas, atirando-se para cima de A Batalha; depois de perigosas assestas que lhe vieram aos lábios, propôs para que o pessoal repudiasse a correspondência inserida no dia 1, levantando todos um braço.

Fava ficou, porém, descontente: o pessoal, atendendo a sabugueiro revoltante, e sabendo, positivamente, que tudo quanto se escrevera é verdade, respondeu-lhe quasi a uma voz que lhe doiam muito os braços e que não estava para isso.

Além do mesmo avanço: «Não te lembres que troxeste para aqui uma criança tão linda e que cá morres?» Fava, vendo, que o seu discurso não eletrizou o comício preparado por ele, rebatido pela atitude dignificante dos operários e operárias, que não se prestaram ao truque sabugueiro, deliberou então publicar, sozinho, a referida carta, afirmando que o pessoal da fábrica se indignou contra nós, por b-liscarmos o seu patrono, quando a indignação, afinal, foi contra o infeliz orador. Então Fava andou, até às 4 horas da manhã, a percorrer as redacções dos jornais, mendigando o grande favor da publicação gratuita do documento, que lhe fôra agitado na tipografia de A Tribuna, de onde saíram as provas para as outras gazetas.

Aí fica, pois, a biografia ligeira de Um operário, que tão zelosamente procurou defender o «esmolero» Manuel Pinto de Azevedo, conseguindo encavalá-lo ainda mais. Só esta gente é que nos aparece.

Na indústria têxtil o regime das oito horas está sendo pôsto de parte — Descaradeira exploração

A república portuguesa, querendo dar mostras de que estava disposta a caminhar na senda do progresso e a vir ao encontro das aspirações proletárias, lembrou-se um dia, depois das classes trabalhadoras as terem quasi conquistado, de decretar que as oito horas de trabalho fossem o horário normal para todas as fábricas, oficinas, ateliers, etc.

Era de crer que o decreto fosse destinado a ser cumprido; mas, infelizmente, tal não sucede, não se preocupando as autoridades com essas ninharias, e nem mesmos os próprios interessados, a quem lhes compete reagir, muitas vezes tomam a sério esses atentados judiciais.

Onde o horário das oito horas está sendo desrespeitado é, de preferência, na indústria têxtil. Os generosos industriais da tecelagem aproveitaram-se de todos os pretextos para obrigarem os seus escravos a trabalharem 10 horas, por insignificante salário.

A Companhia Fiação Portuense, cujos patronos são António Reis Porto, ex-director dos Caminhos de Ferro do Porto à Póvoa e Faleiro; e Santos Henriques, irmão dum outro Santos Henriques conhecido e celebrado por ter mandado arrancar o Cristo que esteve no Repouso e que para lá voltou novamente; e Henriques Dias Teixeira — teve de lucros, líquidos, uns trezentos e 200 contos. Pois para que este magro produto enlourdasse mais este ano aqueles senhores deliberaram que o seu pessoal trabalhe 10 horas por dia, não lhe pagando as duas horas extraordinárias pela tabela que indica a lei em duplicado. Nesta proeza exploratória sublesta-se o mestre gregal, José Queiroz, que, sem de ser um carrasco para os seus subordinados, sendo por aí ainda do que os patrões, aproveita-se da sua autoridade para abusar das mulheres. Este cavalheiro, que é conhecido por polícia dos patrões, é o mais encarniçado de todos, naquela fábrica, das 10 horas de trabalho, porque ele anda de costas

direitas a dar ordens e não sente, por isso, o peso exaustivo do trabalho.

Não é, porém, só nesta fábrica que o horário das oito horas está sofrendo ataques; na fábrica de S. Roque da Lameira também o sistema das oito horas é desrespeitado. E todavia é sócio daquelle estabelecimento: fabrica o grande benemerito Manuel Pinto de Azevedo.

Quando uma comissão do Sindicato Unico da Classe Têxtil foi conferenciar com a firma Azevedo, Ferreira & C.ª, Limitada, com o fim de solucionar o conflito com o seu pessoal, o co-proprietário Ferreira manifestou a opinião de que a melhor forma dos operários têxteis resolverem a sua precária situação era declarar uma greve geral em todas as fábricas, pois só assim conseguiriam conquistar o que desejavam.

Pois bem! o seu pessoal retomou o trabalho, principiando logo o regime das 10 horas na fiação da mencionada fábrica. Para quê? Para explorar mais os desgraçados e as desgraçadas, procurando dar-lhes a ilusão de que assim atenuam a sua miséria, auferindo uns selvíntens a mais, que lhe deviam ser dados como melhoria de salário e dentro do horário normal. Ora aí está a benemerência de todos os industriais e as razões de sobre que fazem sempre as agitações operárias.

O Sindicato anda, contudo, a tratar do aumento, e é natural que se não faça esperar muito a devida reacção contra o mal.

11 de Abril.

C. V. S.

Manipuladores de pão — Uma reunião importante

PORTO, 11 — Em assembleia geral extraordinária, reuniu a classe dos manipuladores de pão.

Foi reconhecida a necessidade da comissão sindical aumentada para \$50 mensais, em consequência da actual ser insuficiente para os gastos imprescindíveis da associação. Apreciada a circular da C. G. T., ficou resolvido seguir-se a doutrina nela exposta.

A seguir, o camarada Domingos Pinto pronunciou um vibrante discurso de propaganda sindical, terminando por apresentar uma moção, segundo a qual se deve tirar um manifesto à classe operária para que com a organização profissional, bem como elaborar uma estatística para saber o número das casas organizadas. Todos os que não estiverem sindicados serão considerados amarelos e fazer-se há uma campanha no sentido de serem expulsos, por todas as formas, da indústria.

Abordados o aumento de 20 % concedido pelos industriais de padaria e a reles atitude da comissão que com eles pactuou vergonhosamente, a assembleia concordou que a classe não pode ficar satisfeita com aquela percentagem, devendo insistir pelo resto da sua reclamação e preparar-se para o conquistar.

Unanimemente, a reunião aprovou um protesto enérgico contra as perseguições que o governo tem movido ao operariado consciente, tendo sido tirada uma quebra, que rendeu 40.000, para os presos por questões sociais.

Brevemente deve efectuar-se nova assembleia de preparação para o consequimento do aumento de salário.

Uma comissão de manipuladores conscientes editou um manifesto contra a comissão que se entregou aos industriais, manifesto que foi bem recebido pela classe. Desse manifesto destacamos as seguintes passagens:

«É conveniente que pensemos bem: não a classe, moralmente, caiu no ridículo perante o operariado das outras profissões. Enquanto as outras classes, melhor remuneradas, lutam por melhorias, nós, manipuladores de pão, reclamamos que vão de 50 a 100 %? Os manipuladores de pão deveriam ficar com a chorada esmola de 20 %? E todavia, já a este resultado infeliz que nos conduziu a célebre comissão.

A comissão delegada tinha pressa em matar a questão para se eclipsar. Atacada neste sentido numa assembleia, embora muito diplomáticamente, ela recusou-se a que a si fossem agregados mais dois membros da classe. Desta maneira, mostrou-se um tanto quanto comprometida, demonstrou os seus desejos de andar só nas suas conferências com os patrões. Votada a greve em princípio, essa comissão tratou sempre de a protelar isto é, de sustar o que de princípio chegasse a ser um facto, ficando mais um compasso de espera até sábado. E' neste dia que a comissão ultimamente se entrevistou com os patrões e é neste dia que ela, mais declaradamente, mostra a sua pressa de matar a questão. Não tendo poderes desautorizados para aceitar qualquer oferecimento dos industriais, ela aceitou imediatamente a dádola dos 20 %, em nome da classe, quando ela estava reunida para apreciar a resposta e rejeitá-la pronunciando-se. Como estava a classe negociada, como se fosse um rebanho de carneiros, os industriais retiraram-se de logo da sua associação, satisfeitos por terem podido ludibriar a comissão, que tam bem se prestou aos seus manejos.

Comprometida com os industriais pela comissão dos 20 %, a interessante comissão não quiz voltar junto dos industriais — primeiro, porque ela já sabia que eles tinham saído; segundo, porque, tendo dado por terminados os trabalhos pró-amor de salário, ela só tinha o compromisso de defender a proposta dos industriais — o que ela fez entre um tumultuar enorme, de cuja confusão se aproveitou.

A comissão, por intermédio de José Frazão, disse aceitar os 20 % por a classe agora não estar bem preparada para um movimento, que, a dar-se, seria um cataclismo, um desastre como nunca houve assim no mundo. E' um critério jesuítico porque ele apenas visou a matar o efeito e a assustar os timoratos. Concordamos que se evite desastres, mas neste caso o papel mais consistente com as normas sindicais e operárias, era este, que o sr. Frazão devia desempenhar na presença dos patrões: «Não temos poderes para aceitar a esmola dos 20 %

A BATALHA NA PROVÍNCIA NOS ARREDORES

Guarda

10 DE ABRIL

A benemerência dos ricos

Apesar de os ricos desta cidade terem os seus cofres cada vez mais abarrotados, as casas de caridade estão na última penúria, sendo preciso que o povo humilde, o «zé pagante», o proletário concorra com o seu óbolo, para que elas não tenham de fechar.

Ainda há pouco um grupo dramático, composto de trabalhadores, lhes prestou um bom auxilio, promovendo recitas em seu favor.

Parce que onde existe mais miséria é no Asilo de Infância Desvalida e, por isso, os espetáculos em seu benefício repetem-se. Lá se realizou outro a semana passada. Foi uma sessão de animatógrafo, entrecortada de uma conferência proferida pelo sr. José Augusto de Castro, director do semanário desta terra. O Combate, que no tempo das almotolias de barro teve muita fama, pelo seu republicanismo.

Sua Ex.ª deu à conferência o título ufanoso de «Nossa Senhora» e declarou, durante duas enfadonhas, terríveis horas, considerações de grande valor, que só pecaram por uma coisa: não se terem feito entender pelo mais simples mortal. Salvaram-se, todavia, pela boa intenção.

A casa estava cheia, sendo provável que uma bela receita se colhesse e que os ricos, as forças vivas, entregassem mais uma vez as mãos de contantes, pensando que a caridade, entre os pobres, é uma grande coisa para os livrar a eles de demasiados encargos e responsabilidades.

Também nesta terra se realizaram festas em 9 de Abril. Festas é como quem diz... Foi uma sessão solene no Coliseu da Beira, a qual concorreu especialmente o elemento militar, discursando três oficiais das unidades do burgo.

O povo que tudo paga desinteressou-se notavelmente do assunto.

Anda por aqui o ministro do trabalho, que se faz acompanhar de um cortejo, fardado com todo o rigor, cheio de galões reluzentes. É uma entidade estranha na terra, que deixa tudo assarapantado, quando passa. Da elegância, dá brilho, dá um ilic boeto à cidade. Este povo muito deve ao sr. ministro do trabalho! Atendentes de tal natureza não há dinheiro que as pague! Não lhe traz medidas de fomento ou de salvação pública, mas oferece-lhe um cortejo fardado!

Da batata que tinha sido desviada, ilegalmente, de um armazém lacrado, na estação de Vila Franca das Naves, e que fôra despachada para o Porto, já estão na Guarda 2 vagões, para serem distribuídos ao povo, segundo prego razoável. A reapressão da batata e o bom sucesso e rapidez do caso devem-se, segundo me contam, não só à vontade do administrador de Francisco e ao comissário deste distrito, mas muito especialmente ao sr. governador civil da Guarda, que empregou nisso os maiores esforços. — C.

Aljustral

10 DE ABRIL

As reclamações dos operários

Os operários mineiros e metalúrgicos já estão cansados em lutar com uma criatura que a nada os tem atendido. Já há mais de seis meses que as comissões não deixam de procurar o director das minas, dizendo este, sentir muito as necessidades dos operários mas nada poder aumentar, por motivo de estar à espera das resoluções da companhia.

O director pode muito bem sentir as necessidades dos operários, especialmente quando se senta à sua lauta mesa, onde tem de tudo que deseja; porque tem de vestir e calçar em abundância; porque dinheiro não lhe falta. E' talvez por isso que se lembra da miséria dos operários e suas famílias, que não tem de comer, nem agasalhos durante o frio que fez este inverno. Mas, apesar de tudo o que ele diz sentir, não sabe o director qual o aumento a dar, intitulando-se, além do mais, homem de sentimentos e humanitário.

Não podem os operários confiar nas palavras do director, porque as provas estão à vista. — C.

Sociedades de recreio

Grupo Dramático Musical Solidariedade Operária. — São convidados os amadores e todos que se queiram dedicar à propaganda pelo teatro, a comparecer hoje para distribuição de papéis. Igual convite se faz aos que queiram auxiliar as camaradas que se debatem no leito, devido a doença. Iniciam-se brevemente os ensaios para a festa em auxílio de A Batalha.

Betem-Club. — No próximo domingo efectuar-se neste club uma grandiosa matinee de arte e uma soirée dedicada aos sócios e suas famílias.

Lêde e divulga

Trabalhadores, A NOVELA VERMELHA

que nos oferecem; isto depende só da assembleia que a estas horas está funcionando. No entanto, a classe que represento, naturalmente não aceita, nem deve aceitar, porque os 20 % pouco ou nada vem remediar a miserável situação económica em que se encontram os manipuladores de pão. Os senhores podem dar mais, porque os seus lucros são mais que suficientes para permitirem uma maior percentagem de aumento. Depois a comissão, ou Frazão, podia não defender a greve já naquele momento, mas, pelo menos, deveria aconselhar a classe a que preparasse as suas coisas, porque a luta tornava-se inevitável — tornava-se e tornou-se.

Infelizmente, a comissão fez o contrário: deturpou, iludiu, excedeu-se nas suas atribuições, pactuando com os industriais. Isto indica-nos que ela está comprometida, vencida, e é por isso que um sentimento de revolta nos agitou e nos levou a trazer este manifesto para puxar pelo racionismo de toda a classe, a fim de que a análise dos factos leve a outras conclusões.

Teatro

Primeiras

S. LUÍS. — A Lenda dos Tarlatanas, por André Brun e Carlos Simões, música de Pedro Blanch.

Conversámos um pouco no S. Luís com a Lisboa do segundo quartel do século XIX.

E se A Lenda dos Tarlatanas tudo dissesse, teríamos obtido do mata-frades Joaquim António de Aguiar revelações curiosas sobre o destino dos bens das congregações religiosas, cujo valor entrou em muito boas algebras, nunca farças, com um falso pretexto de liberalismo que o espírito retrógrado dos conventos afrontava, mas que os homens tem mantido através de tudo, conservando os processos e usando a seu talento, para conduzi-los a geranações que se tem sucedido, à satisfação dos fins que lhes aproveitam sem olhar às aspirações modernas feitas da vontade forte de muitos homens e amassada com o sacrifício de alguns.

Os episódios que se desenrolam em A Lenda dos Tarlatanas, se não são completamente verídicos, roçam contudo pela verdade e porque são dois mais inofensivos daqueles tempos, pareciam-se ao palco com um sorriso inocente, porque também recordam costumes ingenuos a que os nossos avós assistiram, despreocupados do que viam a suceder actualmente porque ainda assim o obscurantismo era paradoxalmente mais agradável, porque o não mesclaram de uma falsa liberdade.

Foi à despretensão dessas cenas lisboetas que André Brun e Carlos Simões foram buscar o assunto da sua farça em que há ditos espirituosíssimos como assomos de boa observação.

O meio em que a acção se desenvolve favorece o êxito do fio de enredo, preparado por quem conhece as platéias e naturalmente as suas predilecções.

Não é o csgare insolito que nos faz destrambelhar a gargalhada sonora, e o cómico dos tempos e dos costumes que detem a nossa observação e a que ela se junte, sinceramente agradado do que vê e ouve.

Pedro Blanch, fez uma música portuguesa, viva e insinuante que ainda mais nos familiariza com os incidentes e os caracteres das personagens.

Ausenda de Oliveira foi o que é sempre, graciosa, esbelta e um tudo-na-da maliciosa. Cantou bem e com Aldina de Sousa, constituem as primeiras figuras femininas a que veio juntar-se a graça natural de Sofia Santos e a boa diligência do festejado da noite, Carlos Viana, Sales Ribeiro, Vasco Santana e Beatriz Baptista bem.

Pode pois dizer-se que A Lenda dos Tarlatanas agradou, e que não se perde de tempo indo vê-la.

DEMÓCRITO

Festas artísticas

E' na próxima 2.ª feira, que em duas sessões (no Salão-Foz, realiza a sua festa artística) o popular e estimado actor ensaiador Martins dos Santos. Os espectáculos apresentam várias surpresas e novidades.

Noticias

Esteve concorridíssima a recita da moda de ontem, no Nacional, com a 2.ª representação da interessantíssima peça Os Tenórios, original do dr. Ramada Curto. Tanto a peça, como o seu desempenho, continuaram alcançando imenso

Abastecimentos

O sr. Falcão Trigo, Comissário Geral dos Abastecimentos, teve ontem uma larga conferência na Câmara Municipal de Lisboa com o vereador sr. Joaquim Pratas, do pelouro dos Matadouros, acerca do barateamento das carnes. A essa conferência assistiram alguns elementos da lavoura do Alentejo.

Ao que nos consta na próxima semana o sr. Comissário terá uma conferência também na Câmara acerca da forma de baratear o peixe.

Da América do Norte

Encontra-se entre nós o camarada Frederico Silva Rosa, delegado da Textile Workers Union, aderentes I. W. W. (América do Norte).

Este nosso amigo é um componente do Grupo Dramático Instrução e Recreio que levou à scena a peça Adão e Eva, novas representações nas cidades de New Bedford, Fall River e Providence constituíram um verdadeiro êxito para o que concorreu o desempenho de todos os amadores do referido grupo tendo o nosso amigo Rosa desempenhado o papel de cónego.

Frederico Rosa veio a Portugal tratar de assuntos de família e aproveitou a viagem para pessoalmente cumprimentar o dr. sr. Jaime Cortesão, autor do Adão e Eva.

SOCIEDADES DE BENEFICÊNCIA

Grupo de Beneficência «Os Sete Pingüinhos». — Acabam-se de formar em grupo sete amigos com o fim de auxiliar outros amigos que se encontram doentes por meio de queques abertos na sede e para vestir sete crianças pobres, de 6 em 6 meses, por ocasião dum jantar que o Grupo realiza, sendo nomeados para a direcção os srs. António L. Abrantes, presidente; Manuel S. Baptista, secretário e J. F. Távares, tesoureiro.

Associação do Registro Civil

Projeções luminosas de propaganda.

A fim de combater a reacção, continuam, a partir de hoje até domingo, as projecções luminosas iniciadas por esta Associação, tendo as mesmas lugar às 2 horas, das janelas do edificio para o Largo.

Consultas médicas

Realiza hoje a sua consulta médica o dr. sr. Roman Navarro, tendo a mesma lugar das 16 às 17 horas.

Os Tenórios

— Ontem, no S. Luís, o novo original português da temporada, acentuou o êxito obtido na sua primeira representação, pois que a engraçada farça A Lenda dos Tarlatanas, cujo entredo é verdadeiramente interessante, pois tem o condão de prender a atenção do público num crescente de intensidade até final, assim o tem manifestado o público que aí tem concorrido, que se não canga de aplaudir os distintos intérpretes: Ausenda de Oliveira, Aldina de Sousa, Sofia Santos, Beatriz Baptista, Sales Ribeiro, Fernando Pereira, Carlos Viana, Alfredo de Sousa, Vasco Santana, Márcio Campos e Sebastião Ribeiro, que em cena, de uma inspiração e sentimental fazem realçar a inspiração e sentimental da peça de Pedro Blanch. Esta noite terá decerto o S. Luís uma nova enchente.

O ensaio geral da Mulher que passa, (La passante), de Kistemaecker, que em recita de homenagem a Lucília Simões devemos ver no Politeama, no próximo sábado, provocou tal interesse no mundo parisiense, que o «Theatre de Paris», onde a peça se conservou em scena, de outubro a dezembro, teve uma verdadeira enchente.

Ocupando-se desse facto, o cronista da Comédia escreveu no dia seguinte «que nunca o referido teatro mereceu tam justamente o nome que tinha». A assistência era muito brilhante pelo número e pela qualidade, visto que toda a gente de notoriedade, na Cidade Luz, ali se encontrava.

Recitais

Belo Sexo, a famosa revista do Apolo, continua batendo o record do êxito. Entre os seus números de maior agrado merece referência especial o da camisa rosa e camisa engomada, por Guilherme Paiva e Mercedes Gonçalves que, assim como muitos mais, são sempre aplaudidíssimos. Hoje, no Apolo, repete-se o Belo Sexo.

Na graciosidade, nas atrações e no deslumbramento da apresentação, a revista Giga Joga é, verdadeiramente, inigualável. Por isso as duas sessões com a famosa peça decorrem, sempre, entre o maior entusiasmo, atraindo, ao Foz, numerosíssima concorrência. A Giga Joga repete-se hoje em recita da moda.

Nas duas sessões de hoje, às 20,45 e 22,45, representa-se novamente no Eden a revista Talisman, a qual os seus autores eliminaram um número para lhe acrescentarem outros, de forma que ficou o mais deslumbrante e espirituosíssimo espectáculo de Lisboa.

Mais uma vez se representa hoje no Avenida a já célebre opereta O Teador, o maior triunfo da companhia Satalena-Amarante.

CARTAZ DO DIA

NACIONAL — A's 21 — Os Tenórios.

S. LUÍS — A's 21 — A Lenda dos Tarlatanas.

AVENIDA — A's 21, 15 — Phi-Phi.

APOLLO — A's 21, 15 — Belo Sexo.

EDEN-TEATRO — A's 20,30 e 22,30 — Talisman.

SALÃO FOZ — A's 20,45 e 22,30 — Giga Joga.

JALÓ VICENTE — A's 21 — Domingos, segundas e quintas-feiras a revista Fim-pam-pim.

ANJOS — A's 21 — Companhia infantil.

CONDES (Avenida) — Animatógrafo.

CENTRAL (Avenida) — Animatógrafo.

OLIMPIA (Rua dos Condes) — Animatógrafo.

IDEAL (Loreto) — Animatógrafo.

PROM OTORA (ao Calvário) — Animatógrafo.

Quedas

Respectivamente nas enfermarias de S. Fernando, do hospital do Desterro, e Santa Isabel, do hospital de S. José, deram ontem entrada Joaquim de Almeida, de 31 anos, natural de Gois, descarregado e residente nas Escadilhas do Marquês de Santa Lusía, 4, que deu uma queda no frigorífico de Santos, fracturando a perna direita, e Micaela da Silva, de 73 anos, natural de Tomar, doméstica e residente na rua 24 de Julho, 102-B, 2.ª, que deu uma queda na sua residência ficando ferida no rosto.

Na enfermaria de Sousa Martins do hospital de S. José deu ontem entrada Eusebio de Melo, de 68 anos, actor, natural de Louras e residente na rua da Mouraria, 112, 2.ª, que caiu pela escada da sua residência fracturando o braço direito.

A navalha em acção

Na rua Vieira da Silva, 18, 2.ª, E. em casa de Silvério Inácio, trabalhador da Exploração do Porto de Lisboa, acham-se hospedados vários trabalhadores das docas do Alentejo, entre elles José de Jesus, de 22 anos, e Anibal Martins, de 19 anos, naturais de Vila de Rei. Anteanter fizeram uma patuçada, sendo convidado o José, mas este não aceitou, e como o Anibal ficasse indisposto com ele, ontem, ao encontrarem-se, discutiram o assunto, acabando o José por puxar de uma navalha e agredir o Anibal com três navalhas, sendo uma no ventre, outra na perna esquerda e outra nas faces.

O Anibal foi conduzido ao hospital de S. José, dando entrada na sala de observações, sendo o José preso.

Atropelamento

Na enfermaria infantil do hospital da Estafaniden ontem entrada Maria Emilia, de 2 anos de idade, filha de Manuel Lopes e de Maria Antónia, residente na rua Vitor Bastos, 8, que na mesma rua foi atropelada por uma carroça ficando muito contusa pelo corpo.

Cambio

	Compra	Venda
Libra cheque	584000	604000
Paris	18145	18165
Italia	1665	1675
Bélgica	14690	14710
Suica	29415	29435
Espanha	18224	18244
Batim	18243	18263
Holanda	42730	42750
New-York	124498	124518

Multidão e cooperativismo

Cooperativa Operária «A Comunidade». — Realiza-se hoje, pelas 20 horas, na sede da Secção da Construção Civil do Alto do Pina, a assembleia geral para a comissão liquidatária apresentar o relatório dos seus trabalhos.

São convidados todos os credores a comparecer.

Cooperativa de Operários Chapelleiros «A Social». — Reuniu a direcção desta colectividade juntamente com o conselho fiscal, apreciando um parecer enviado pela comissão administrativa do sindicato dos Operários Chapelleiros, e que se referia aos indivíduos que tinham a greve da fábrica de Ladoes, Lda. A direcção achando-o justo e lógico o referido parecer resolveu demitir de sócios da Cooperativa os traidores e não permitir também a entrada como sócios aqueles que se acompanharam no mesmo gesto.

Caixa de Pensões do Arsenal de Marinha. — Refine no dia 18 em assembleia geral com a seguinte ordem de trabalhos:

1.ª — Discutir e votar o Relatório e Contas da gerência de 1921 e respectivo Parecer do Conselho Fiscal.

2.ª — Resolver definitivamente sobre as alterações do Estatuto.

3.ª — Autorisar a Direcção a dispendir o necessário para a montagem dos restantes serviços de contabilidade.

Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa. — Para tratar de assuntos do seu interesse, reúne hoje a assembleia geral, pelas 18 horas.

Agressão

Francisco da Costa Correia, quando estava com uns amigos próximo do café Chave de Ouro, no Rossio, foi agredido pelo actor José Clímaco, por motivo daquelle, há dias, ter feito publicar uma critica que a este não agradou.

O agredido foi tratado no hospital de S. José, dum ferimento no lábio inferior, recolhendo a casa.

Aos nossos assinantes de Lisboa

Solicitamos aos nossos estimáveis assinantes de Lisboa a fineza de prevenirem as suas famílias, afim destas satisfazerem as importâncias das suas assinaturas, evitando assim que o cobrador tenha que os procurar várias vezes, o que agrava as precárias finanças de A BATALHA.

Motores de explosão

Encontra-se à venda na Secção de Livraria de A Batalha, a 3.ª edição desta magnifica obra. Preço 6\$50. Pelo correio registada 6\$90.

Serviço de livraria

DE

A BATALHA

Na Administração deste diário operário encontram-se à venda todas as obras de educação profissional, de ciência, filosofia, sociologia, higiene e esperanto; brochuras e folhetos de propaganda sindicalista, anarquista, comunista e operária; romances sociais, teatro livre, canções sociais e revolucionárias, postais ilustrados, retratos de propagandistas operários, livros operários, etc.

Além das obras que anunciamos, satisfazem-se todas as encomendas de quaisquer quantidades de livros, que venham acompanhadas das respectivas importâncias, acrescidas de 10 por cento para porte do correio e mais 610 para registro.

Auxilia-se a Batalha, adquirindo todos os livros por intermédio da administração da mesma.

Não se enviam livros à cobrança pelo correio.

Todos os pedidos de livros, acompanhados das respectivas importâncias, devem ser endereçados ao Serviço de livraria de "A BATALHA".

CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º ANDAR
Lisboa-Portugal

Calçado

Procurem como quiserem: na

Sapataria do Calhariz

vende-se tudo isso muito mais barato.

Há alguém que venda botas

de superior calf preto ou

de cor, a. 20\$00?

Botas da moda com 2 solas

corridas, salto razo, a.

Botas de calf preto com 2

pontados, resistente a to-

do o tempo a. 31\$00?

Sapatos de superior calf

preto para senhora, a.

Sapatos de verniz desde

11\$00? 16\$00?

Etc., etc., etc.?

Há, mas só na

Sapataria do Calhariz

Verifiquem que não perdem com isso.

33, Largo do Calhariz, 33

Quereis o vosso

relogio con-

cerado com garantia e por

preço módico?

Levae-o ao

33 de S.º André

actualmente

Largo Rodrigues de Freitas, 33

(em frente do calhariz)

OFICINA DE RELOJEIRO

E OURIÇOS

DE

ALVES D'ANDRADE, L.º da

A' grande Baixa de Calçado

a Sapataria Social Operária

Sapatos em calf-preto para senhora

11\$00

Sapatos em verniz todos os modelos

20\$00

Botas calf-preto grandes e pequenas

21\$00

Botas calf-preto com duas so-

las 22\$50

Grande salão de botas bran-

cas 16\$15

Um colossal sortimento em calçado

para crianças

Grande salão de botas de cor pa-

ra homem a. 23.00

Vão ver, pois só lá se encontra

Barato e Bom

18, R. dos Cavaleiros, 20, com filial no n.º 66

A Novela Vermelha

Publicação literária mensal

COLABORADORES:

Manuel Ribeiro, Mário Domín-

gues, Aquilino Ribeiro, Nogueira

de Brito, Sobral de Campos, An-

gusto Machado, Perfeito de Car-

valho, Cristiano Lima, Bento Fa-

lvaro, José Benedit, Gonçalves Cor-

reia, Julião Quintinha, e outros

Publicado

N.º 1 - A Expição - por Manuel Ri-

beiro.

N.º 2 - Sangue Fidalgo - por No-

gueira de Brito.

N.º 3 - Hugo, o pintor - por Mário

Domín-

gues.

N.º 4 - Dois tiros - por Sobral de

Campos.

N.º 5 - Impossível redenção - por

Augusto Machado.

N.º 6 - A Escola de Nun'Alvares

- por Cristiano Lima.

N.º 7 - Anastácio José - por Mário

Domín-

gues.

N.º 8 - A Ciência Redentora -

por José Benedit.

N.º 9 - O mestre geral - por Jesus

Peixoto.

N.º 10 - Dor Vitoriosa - por Julião

Quintinha.

Preço por número \$25

Assinatura, série de 10 núme-

ros 2\$50 pagamento adiantado.

Locais de venda

Trabalha: quiosques, tabacarias e

livrarias. Porto: redacção de

A Comuna. Coimbra: Livra-

ria Lumen, Tabacaria Pátria, e

em casa de Manuel Bernardo

Ferreira, torreiro da Erva. Non-

tras localidades nos agentes de

A Batalha.

A COMUNA

Semanário Comunista Libertário

Redacção e Administração

Rua do Sol, 131 - PORTO

Belsaúde VITERI

Cigarilhas medicinais ultra-elegantes
Cura rapidamente

Catarrhos, defluxos, laryngites, bronquites, tosse, pigarro, rouquidão, e apressam a cura de todas as doenças da boca, garganta, ouvidos, nariz, olhos, brônquios e pulmões.

1.º Desinfeta profundamente as vias respiratórias, constituindo o mais prá-

tico dos inflamados;

2.º É usado pelas senhoras mais finas porque perfume o hálito e evita a carie

dentária e por todas as pessoas que têm de suportar grandes esforços porque as

defende de contágios perigosos;

3.º São usadas pelas pessoas doentes, pelas asthmáticas ou que sofrem de

bronquites crônicas, porque limpando o pigarro abrem-se o apetite e permitem-lhes

sonos reparadores seguidos;

4.º Limpando o pigarro, combate a rouquidão, alivia a voz e fortalece as cordas

vocais; por isso são usadas pelas que cantam ou falam em público;

5.º Alegria a acção nociva da nicotina que se deposita nas vias respiratórias

dos fumadores e de quem com elas convivem, evitando-lhes o cancro e o castro

gastro;

6.º Desentorpece o cérebro fatigado, activa as faculdades intelectuais, evi-

tando a surdez cerebral. Usadas por todos os que pensam muito,

defendem o ambiente e introduzem em todas as células da vias respiratórias, per-

servando-as das doenças contagiosas, ta como: tuberculose, coqueluche, pedimonia,

difteria, angina, etc.

Há conveniência em engulir o fumo

PREÇO DAS CIGARRILHAS

Fórmula corrente: 80 centavos — Fórmula n.º 2 (forte) cart. 90 centavos

Fórmula n.º 3 (fortíssimo) cart. 1\$00

Depósito dos preparados com selo VITERI:

Vicente Ribeiro & C.ª Suc.ª

Rua dos Fanqueiros, 84, L.º D.

FORMIOL

TONICO MUSCULAR

REGISTADO

Medicamento de ex-

celso notável na cura da

fraqueza geral, fra-

queza cerebral, aci-

vação a memória e evi-

tando a neurastenia.

Os seus marfajados

efectos são evidentes

te garantidos no tra-

tamento da anemia, tu-

berculose, fraqueza

baseas, digestões in-

regulares, perdas semi-

gias, escatolias, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

mo, raquismo, lufis-

Nicolau Gomes Correa
ALFAIATE-MERCADOR



Rua dos Fanqueiros, 255

SECCÃO EDITORIAL DA BATALHA

Acaba de aparecer

A Propriedade

Privada

— POR —

José Carlos de Sousa

Preço \$20

A' venda nas livrarias e na

administração da Batalha:

BREVEMENTE

Inauguração da Secção de Calçado

NA

Havaneza do Sacramento

Rua do Sacramento, 19 e 21 (Alcântara)

O proprietário desta casa, António de S.

ilva, que é um dos muitos amigos de A

Batalha, aconselha o povo a procurar os

seus estabelecimentos, pois que se encontra

a disposição de combater os assambramentos.

Aos trabalhadores organizados, mediante

apresentação da caderneta sindical, far-se-

á um desconto de 5 0/0, e mais 1 0/0 para

o jornal A Batalha.

A's cooperativas que se tornem responsá-

veis pelo pagamento dos seus sócios, no

prazo de 6 meses, far-se-á o seguinte des-

conto:

5 0/0 para a cooperativa

5 0/0 para o sócio

1 0/0 para A Batalha

N. B. — O fornecimento a 6 meses, por

inquanto, só se refere ao calçado.

Todos os outros artigos tem o desconto

de 5 0/0 para os socios das cooperativas e

indicados, e 1 0/0 para A Batalha, a prouto

pagamento, exceptuando jornais, livros, il-

lustrações, tabaco nacional e estrangeiro.

Estas condições vigoram também nas se-

guintes casas:

Tabacaria Condes

AVENIDA DA LIBERDADE, 6

Havaneza do Carmo

CALÇADA DO CARMO, 43

ACABA DE APARECER:

PROGRIACÃO CONSCIENTE

(Páginas de práticas neo-maltusianas)

● Descrição dos órgãos genitais.

● Valor exacto dos meios nem-

pregar.

● Injeções.

● Preservativos, etc.

Preço, \$25 — Pelo correio, \$30

Acaba de aparecer:

A INTERNACIONAL

MUSICA DE DEGEYTER

LETRA DE E. POTIER

TRADUÇÃO DE NENO

VASCO

PREÇO \$20

Pelo correio \$25

TRABALHADORES, LEDE

A NOVELA VERMELHA

Alegorias sociais

Publicadas pelo nosso cole-